

Presidente
Herbert Victor Levy

Luiz Fernando Ferreira Levy
Paulo Roberto Ferreira Levy
Luiz Fernando Cirne Lima

GAZETA MERCANTIL

Quinta-feira, 29 de julho de 1993

DIRETORIA
Diretor-Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy
Diretores Vice-Presidentes
Henrique Alves de Araújo
José Andretto Filho
Roberto Müller Filho (Licenciado)
Roberto de Souza Ayres

Página 4

Um verdadeiro ajuste fiscal no Brasil, seguido de medidas gradualistas de contenção e redução da inflação, não soa como uma música celestial apenas aos ouvidos do diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus. É a harmonia que pode assegurar o crescimento sustentado do País e que só depende da afinação da orquestra.

Como aqui já dissemos, mais importante do que fixar metas de desempenho a esta altura é o País contar com um plano coerente de regularização das finanças públicas, como plataforma para uma política antiinflacionária de resultados. E, como demonstra a excelente receptividade que encontrou em Washington a missão chefiada pelo secretário de Política Econômica, Winston Fritsch, o Programa de Ação Imediata (PAI) dá meios ao Brasil para colocar a casa em ordem.

Se não houver tropeços — e confiamos em que o governo poderá evitá-los se agir com determinação — o Brasil deve receber em breve uma missão técnica do FMI, primeiro passo para concretização de um novo acordo com aquela instituição, já que o negociado em 1992

caduca em 31 de agosto. Com base em um parecer presumivelmente favorável, o "board" do Fundo pode aprovar um novo crédito "stand by" ao Brasil até 30 de novembro. Será o aval para a conclusão definitiva do acordo com os bancos credores privados e para a formalização de um protocolo com o Clube de Paris.

Podem julgar que estamos sendo otimistas demais em um momento em que o desânimo parece ter tomado conta da Nação. Mas, da mesma forma que Camdessus, há observadores externos que não vêem o País como um "caso perdido", conforme costumam nos retratar impacientes analistas neoliberais.

Para Jorge G. Castañeda, professor de Ciência Política da Universidade Nacional Autônoma do México, o Brasil está longe de ser o azarão da América Latina. Em artigo na Newsweek (26/7), ele nota que o País neste ano pode crescer mais que o México e a Argentina. Estes dois últimos países, em face de um enorme déficit comercial, tiveram de de-

sacelerar a sua economia, enquanto o Brasil, sob o impulso de suas exportações, pode crescer 3%, aumentar o produto industrial em 7% e a produção de automóveis em 20%. E, enquanto o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) está patinando, o Mercosul avança.

Os resultados da balança comercial no primeiro semestre deste ano mostram como é correta essa percepção. Segundo dados há pouco divulgados, as exportações no período alcançaram US\$ 18,903 bilhões, 14,61% mais que nos primeiros seis meses do ano passado. Apesar de um crescimento de 18,45% das importações (inclusive petróleo), que alcançaram US\$ 11,104 bilhões no semestre, o País registrou um superávit de US\$ 7,799 bilhões. A continuar nessa marcha, o saldo será ainda maior do que o do ano passado (US\$ 15,665 bilhões).

Mais relevante do que o superávit em si é o dinamismo das exportações, que Castañeda credita a uma indústria altamente competi-

va. Esta, entre outras, é uma das vantagens comparativas de um país de 150 milhões de habitantes, com um mercado interno ainda em grande parte por explorar, mas a análise não se detém nisso. A privatização de empresas prossegue, o País reduziu tarifas aduaneiras e está cortando subsídios. Se as reformas são feitas mais lentamente que em outros países não é motivo para desespero, principalmente em um país que pratica a democracia e, mais do que nunca, procura combater a corrupção.

É um quadro verdadeiro e o sociólogo mexicano não deixa de notar que a inflação anda na casa dos 30% e quão gritantes são as injustiças sociais na sociedade brasileira, mesmo em relação a outras nações da América Latina.

Como temos insistido, é isso o que falta fazer: acabar com as dissonâncias político-sociais. Se a sociedade acreditar que a inflação pode ser vencida e se nos dispusermos a eliminar as chagas sociais que nos atormentam, o Brasil não só estará definitivamente no páreo internacional mas também poderá figurar entre os vencedores.